

AS LIMITAÇÕES DO CONCEITO DE HISTORICISMO

Alexandre de Freitas de Mello Júnior

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
E-mail: alexandremellounb@gmail.com

Resumo: O presente trabalho visa esmiuçar um aspecto bastante específico da filosofia contemporânea: a recepção crítica do historicismo pela hermenêutica filosófica. A questão abordada tem a ver com a proposta da consciência histórica e as aporias inerentes a esse novo ponto de partida do pensamento filosófico moderno. A hipótese aqui defendida é de que a hermenêutica rejeita o historicismo radical, por apresentar problemas internos insuperáveis e que, não obstante, a consciência hermenêutica elaborada por Gadamer pretende solucionar essa questão por meio de certas características que a compõem. O principal elemento que norteia a argumentação de Gadamer nesse sentido é seu conceito de "história efetual". Dessa forma, elaborar-se-á o seguinte roteiro na exposição do tema: demonstrarei 1) o conceito de historicismo na perspectiva gadamariana, tomado principalmente dos artigos "A universalidade do problema hermenêutico", "Hermenêutica e Historicismo" e "Continuidade da História e o instante da existência", publicados em *Verdade e Método II*; e que 2) o conceito de "história efetual" responde os problemas que Gadamer expõe no conceito de historicismo.

Palavras-chave: Historicismo. Hermenêutica Filosófica. "História Efetual"

Abstract: The present work aims to perform a deep analysis of a very specific aspect of contemporary philosophy: the critical reception of historicism by philosophical hermeneutics. The addressed issue is about the proposal of historical consciousness and the inherent aporias [contradiction] in this new starting point of modern philosophical thought. The hypothesis defended here is that hermeneutics

rejects radical historicism because it presents insurmountable internal problems and that, nevertheless, the hermeneutic conscience elaborated by Gadamer intends to solve this question by means of certain characteristics that compose it. The main element that guides Gadamer's argument in this sense is his concept of "effective history." Thus, the following script will be elaborated in the exposition of the theme: I will demonstrate 1) the concept of historicism in Gadamarian perspective, taken mainly from the articles "The universality of the hermeneutic problem", "Hermeneutics and Historicism" and "Continuity of History and The Instant of Existence" published in *Truth and Method II*; And that (2) the concept of "effective history" answers the problems that Gadamer expounds on the concept of historicism.

Keywords: Historicism. Philosophical Hermeneutics. "Effective History"

Resumen: El presente trabajo propone desmenuzar un aspecto bastante específico de la filosofía contemporánea; la recepción crítica del historicismo por la hermenéutica filosófica. La cuestión abordada tiene que ver con la propuesta de la conciencia histórica y las incertezas inherentes a ese nuevo punto de partida del pensamiento filosófico moderno. La hipótesis aquí defendida es que la hermenéutica rechaza el historicismo radical por presentar problemas internos insuperables y que, sin embargo, la conciencia hermenéutica elaborada por Gadamer pretende solucionar esa cuestión por medio de ciertas características que la componen. El principal elemento que nortea la argumentación de Gadamer en este sentido es su concepto de "historia efectual". De esta manera, se va a elaborar el siguiente guion

en la exposición del tema: demostraré 1) el concepto de historicismo en la perspectiva gadamariana, utilizando principalmente los artículos "La universalidad del problema hermenéutico", "Hermenéutica e Historicismo" y "Continuidad de la Historia y el instante de la existencia", publicados en *Verdad y Método II*; y que 2) el concepto de "historia efectual" responde los problemas que Gadamer expone en el concepto de historicismo.

Palabras clave: Historicismo. Hermenéutica Filosófica. "Historia Efectual"

Sommario: Questo elaborato si propone esaminare un aspetto molto specifico della filosofia contemporanea: la ricezione critica dello storicismo in relazione alla ermeneutica filosofica. Il tema affrontato ha a che fare con la proposta della coscienza storica e aporie inerenti a questo nuovo punto di partenza del moderno pensiero filosofico. L'ipotesi qui avanzata è che l'ermeneutica rifiuta lo storicismo radicale perché contiene problematiche interne insormontabili. Gadamer cerca di risolvere queste difficoltà. L'elemento principale che guida la sua tesi è il concetto di "storia efficace." Il tema è presentato rispettando i punti seguenti: dimostrerò 1) il concetto dello storicismo in prospettiva gadamariana, usando principalmente gli articoli "L'universalità del problema ermeneutico", "Ermeneutica e storicismo" e "La continuità della storia e l'istante dell'esistenza", pubblicati in *Verità*

e metodo II; e che 2) il concetto di "storia efficace" risponde alle problematiche che Gadamer espone nel concetto di storicismo.

Parole chiave: Storicismo. Ermeneutica Filosofica. "Storia Efficace"

Résumé: Ce présent travail vise décortiquer un aspect très spécifique de la philosophie contemporaine: la réception critique de l'historicisme par l'herméneutique philosophique. La question abordée a un rapport avec la proposition de la conscience historique et des apories inhérentes à ce nouveau point de départ de la pensée philosophique moderne. L'hypothèse ici défendue est celle que l'herméneutique rejette l'historicisme radical pour présenter des problèmes internes insurmontables et que, néanmoins, la conscience herméneutique élaborée par Gadamer entend solutionner cette question au moyen de certaines caractéristiques que la composent. L'élément principal qui oriente l'argumentation de Gadamer dans ce sens-là, c'est son concept d'« histoire de l'efficace ». De cette façon, il sera élaboré le plan suivant de l'exposition du thème : je montrerais 1) le concept de l'historicisme dans la perspective gadammérienne, basée principalement sur les articles publiés en *Vérité et Méthode II* ; et qui 2) le concept de l'« histoire de l'efficace » répond au problème que Gadamer expose dans le concept d'historicisme.

Mots-clés: Historicisme. Herméneutique Philosophique. « Histoire de l'efficace »

1. INTRODUÇÃO

A hermenêutica filosófica importa-se sobremaneira com o tema do historicismo. As múltiplas acepções do conceito lhes são de fato caras, pois o seu próprio desenvolvimento estabelece com o momento da perspectiva histórica uma relação inseparável. Tal vinculação patenteia-se no conceito de "História Efeitual", cunhado por Gadamer, e a importância filosófica que ele lhe atribuirá. Entretanto, Gadamer rejeita certas noções conceituais alardeadas pelo "historicismo". Em certos artigos publicados na segunda parte de em sua obra maior *Verdade e Método II - complementos e índices*,

o autor explica o conceito em questão descentralizadamente, ou seja, em várias partes distintas do livro, e demonstrando sua erudição. Existem duas acepções principais que Gadamer se vale ao usar esse termo. Nos próximos dois subtópicos farei sua exposição, que estará perpassada pelo conteúdo crítico intrínseco ao próprio texto gadameriano.

2. O CONCEITO DE HISTORICISMO

2.1. A PRIMEIRA ACEPÇÃO DO CONCEITO E A CRÍTICA FEITA POR GADAMER

Por vezes, a hermenêutica filosófica gadamariana aventa o historicismo tal como Hegel o significava, a saber, como um filosofema segundo o qual todo conhecimento é conhecimento histórico. Esta é a primeira acepção pela qual o conceito é tomado. Sem entrar no mérito das questões concernentes a sua importância para a estrutura do idealismo alemão, interessa apontar que Gadamer toma essa noção hegeliana como uma definidora consideração acerca da validação epistêmica, isto é, todo o saber no mundo passível de ser conhecido é histórico.

O desdobramento dessa tese contrasta enormemente com a postura inaugurada pelo método científico da modernidade, para o qual o conhecimento verdadeiro de algo não está submetido à historicidade e, portanto, encontra-se liberto de uma vez por todas da sua contingência. Isso significa dizer que, segundo a perspectiva da ciência moderna, o conhecimento não está submetido a variações históricas. Assim, a mecânica clássica, elaborada por Newton, torna-se exemplo dessa nova forma de relação com os problemas que se apresentam no mundo.

Hegel tentara superar o problema da contingência histórica, segundo o qual o conhecimento de uma época está alicerçado em limitações que lhe são peculiares e, dessa forma, o valor epistêmico do conhecimento não é objetivo ou necessário, haja vista que o conhecimento sempre muda conforme as épocas. Hegel o faz por meio da formulação da dialética do reconhecimento: os momentos dialéticos estariam subsumidos no

romanticamente denominado Devir ou Infinito ou Absoluto¹. Entretanto, essa explicação parece não fornecer o aparato persuasivo requerido pelas gerações futuras.

A estrutura do pensamento especulativo hegeliano, cujo paroxismo é o Absoluto, é rejeitado, abandonado ou rigorosamente revisto por ser uma explicação insuficiente. Não obstante a recusa da explicação hegeliana, a questão que lhe ensejou persevera. O problema, agora ganha novos contornos e o historicismo se assobrada filosoficamente à maneira de uma aporia que não pode ser deixada de lado. O esquema desta aporia é o seguinte: **a)** A filosofia trabalha com sistemas explicacionais tendo em vista dissolver os problemas, apresentando soluções com caráter universal, incontestável e, destarte, verdadeiro; **b)** O historicismo aparece na filosofia com a consciência histórica. Essa consciência é incompatível com a proposta da filosofia antiga e medieval: com esta por fundamentar-se epistemicamente em um conceito de "Deus"; e com aquela por sustentar uma idéia de *Physis* (Natureza), ambas com conteúdos necessários. O "ataque", talvez involuntário, que a consciência histórica faz contra toda filosofia que lhe é anterior também impossibilita uma filosofia futura. Se admitirmos que não há verdades a-históricas, inviabilizamos o esforço filosófico por completo; **c)** O ponto fulcral para uma solução do problema emergido da consciência histórica está em seus elementos constitutivos fundamentais. Para que um pensamento seja verdadeiro, é preciso que sua característica fundamental seja estar fora da contingência histórica. Assim, para que a assertiva "todo conhecimento é conhecimento histórico" tenha um valor verdadeiro, faz-se necessário que ele seja a-histórico. Se a proposição for a-histórica, então existe um conhecimento que não é histórico, o que configura uma contradição em termos.

Para Gadamer, a História é a narrativa da sucessão dos equívocos humanos: "[...] A ordenação justa não tem história. História é história de

¹ O Absoluto é aquilo que está para além da realidade finita. É, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da filosofia. (HEGEL, 1992)

decadência e, em todo caso restabelecimento da ordenação justa” (Gadamer, 2011, p. 481) e “[...] A história é o elemento inextirpável de desordem humana num todo ordenado” (Gadamer, 2002, p. 166). Em um mundo que seguisse as “determinações” do curso da natureza as formas de vida humanas não apresentariam a contingencialidade típica da experiência do homem no mundo. A história só existe por que o homem empreende algo novo à maneira de uma recusa do estado anterior e presente.

Se a narrativa histórica apresenta a variedade e constância de recusas e reformulações das configurações de vida, fica claro que o tema sobre o qual ela trata é a falta de uma ordem natural, e que é movida à propulsão de elementos caóticos que nós vivenciamos.

Gadamer considera que o anúncio salvífico do evangelho cristão assoma à consciência humana como o momento atinador da essência da consciência histórica: “É correto e evidente afirmar que a essência da historicidade só veio à consciência do pensamento humano com a religião cristã e com a ênfase ao momento absoluto do ato salvífico de Deus” (Gadamer, 2011, pp. 480-481). A verdade absoluta, trazida à terra pelo verbo de Deus, incontestante, incorrigível e necessário, desvela ao mundo uma projeção de realidade que está calcada em uma compreensão divina da historicidade, no qual o “Olho de Deus” posiciona-se para além das múltiplas perspectivas puramente humanas diante das contingências históricas. Destarte, o chamado “Olho de Deus” é a afirmação da possibilidade de um ponto de vista da história que não está limitado pelas restrições cognitivas e epistemológicas supostas à perspectiva humana.

O querigma cristão, com sua substancialidade infinita e a-histórica, esboroa as formas de vida não necessárias preenchidas por elementos caóticos. Dessa maneira, o historicismo é um conceito que pretende manifestar a posição em que a verdade se “perde” nas eventualidades às quais o homem está submetido na terra. O historicismo é, assim, uma recusa

peremptória sobre as possibilidades de se alcançar uma verdade unívoca². Se por um lado a consciência histórica despertada pelo cristianismo possuía essa mesma religião como sucedâneo, por outro lado o anúncio de uma condição pós-metafísica, de aporte nietzscheano, promulga uma fase de pensamento extra-moral, haja vista a impossibilidade de uma ética bem fundamentada no contexto posterior à consciência da perspectiva histórica³.

Assim sendo, a letra "a" do nosso supracitado esquema aporético encontra dificuldades em fundamentar-se por consequência do que está apresentado em "b". Importa agora desenvolver aquilo que está em "c", pois é aí que se localiza a crítica de Gadamer a este tipo historicismo. Embora a crítica da contradição lógica interna feita à proposta central do historicismo faça sentido para Gadamer, ele prefere confrontar a tese historicista consigo própria. Isso é muito mais sutil do que simplesmente afirmar o que está descrito em "c". Gadamer escreve o seguinte a respeito:

... é inevitável concluirmos que o fenômeno do historicismo, que teve sua hora e sua vez, pode chegar a desaparecer. Isso é verdadeiro não porque, se isso não ocorresse, o historicismo 'contradir-se-ia', mas é verdadeiro na medida em que se confronta seriamente consigo próprio e porque o faz. Não se pode argumentar, portanto, que um historicismo que afirma de modo absoluto a condicionalidade histórica de todo o conhecimento, 'para toda eternidade', estaria no fundo se contradizendo. Esses tipos de auto-contradição são águas de outro rio. (Gadamer, 2011, p. 484)

² Platão afirma: "Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são" (*Crat*, 385 b; v. *Sof*., 262 e; *Fil*, 37 c); Aristóteles afirma: "Negar aquilo que é e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade" (*Met.*, IV, 7. 1011 b 26 ss.; v. V, 29, 1024 b 25). Esta é uma das apresentações mais antigas de uma definição de verdade. Hodiernamente, é chamada de "verdade por correspondência", pois o que é diz respeito àquilo que é, e não ao que não é. No texto, a expressão "verdade unívoca" refere-se a essa definição platônica e aristotélica (demonstrativa do marco conceptual dos antigos gregos) e, ainda, engloba um elemento a-histórico: Aquilo que é verdadeiro, segundo a definição dos antigos gregos, não varia com o tempo.

³ Tal reflexão é inspirada em uma consideração de Gadamer sobre Nietzsche. Segundo Gadamer, Nietzsche denuncia a "cegueira axiológica do objetivismo histórico" do seu tempo. O texto de Nietzsche que Gadamer utiliza é intitulado "Sobre as vantagens e desvantagens da história para a vida" (GADAMER, 2011, pp. 257-258).

A citação acima deixa claro que o comprometimento do historicismo com sua própria tese deve ser inexoravelmente bem mais profundo do que a crítica produzida por um simples ataque da lógica clássica. Para Gadamer, essa crítica também faz sentido, inclusivamente. Mas não é por isso que o historicismo está malogrado, ou melhor, existem razões, segundo Gadamer, mais interessantes, no interior do próprio historicismo, que por si somente lhe ensejariam uma crítica válida e contundente. Uma vez que sua tese principal é a de que todo conhecimento é histórico, ele mesmo, o historicismo, terá que enfrentar cedo ou tarde as consequências de sua afirmação. Aqui há uma argumentação *for the sake of the argument*⁴ em Gadamer: supondo que a contradição lógica fosse totalmente sublimada, ainda assim seu conteúdo filosófico continuaria a existir. O texto gadamariano prossegue:

Também aqui temos que nos perguntar se essas duas frases – ‘todo conhecimento é condicionado historicamente’ e ‘este conhecimento vale incondicionalmente’ – se encontram no mesmo nível, de tal modo que podem contradizer-se mutuamente. Isso porque a tese não diz que essa frase será sempre mantida por verdadeira – assim como nem sempre o foi no passado. Ao contrário, o historicismo que se leva a sério deve contar com o fato de, algum dia, sua tese já não se sustentar como verdadeira, isto é, ser pensada ‘a-historicamente’. Mas não porque a afirmação incondicional de condicionalidade do conhecimento não tenha sentido, mas porque contém uma contradição “lógica”. (Gadamer, 2011, p. 484)

A argumentação de Gadamer parece confusa neste ponto, mas se tivermos em vista que ele tenta fazer uma análise do conteúdo da tese historicista, não restringindo sua crítica à contradição encontrada com

⁴ A expressão significa *for the sake* significa “com o fim de”, “para o amor de”. É usada filosoficamente quando em um debate, um dos dois debatedores quer ver até onde certa argumentação pode chegar, apesar de discordar das premissas básicas de seu oponente. No caso em questão, Gadamer assume, *for the sake of the argument*, que não há uma contradição lógica na tese central do historicismo, a fim de que possa prosseguir a análise e investigar seu conteúdo, em vez de dar-se por satisfeito com uma crítica sintática e formalista.

o auxílio da fórmula lógica, então será possível tocar o cerne da crítica gadamariana e nos direcionarmos para a solução hermenêutica.

Em sua argumentação, Gadamer estabelece que a postura historicista tem um ponto frágil em seu conteúdo: o historicismo se projeta sobre si mesmo, lançando a si o vaticínio de não-verdade e não-necessidade última. Para que ele tenha alguma validade conteudística é preciso que também esteja submetido ao proferimento “todo conhecimento é histórico”. Por isso mesmo possui uma relevância filosófica.

Pode-se dizer o seguinte: Gadamer considera que a crítica sobre a falha lógica é bem fundamentada e suficiente para que o historicismo, como apresentado, refute-se a si próprio. Porém, ele faz um exercício filosófico, e considera a hipótese de o historicismo não ser afetado pela auto-contradição na qual está envolvido. Para Gadamer, ainda assim o historicismo teria problemas estruturais, relativos ao seu conteúdo, e não à forma lógica. E é esta mesma compreensão de historicidade que Gadamer defenderá como a noção conceptual que salva um certo tipo de historicismo.

2.2. A SEGUNDA ACEPÇÃO DO CONCEITO E A CRÍTICA FEITA POR GADAMER

Se a primeira acepção do conceito pode levar a uma espécie de relativismo moral de cunho epistemológico, uma vez que se for impossível estabelecer uma verdade a-histórica (ou seja, se ela for contingente) não será possível uma normatização ética a-histórica (ou seja, necessária); a segunda acepção tem seu cerne evidenciado em uma proposta que segue a trilha da metodologia científica: o objetivismo histórico.

Gadamer se refere a essa conceituação ao citar Ranke: “A consciência histórica propõe-se a tarefa de compreender todos os testemunhos de uma época a partir do espírito dessa época, desvinculando-os das realidades atuais que nos prendem à vida presente” (Gadamer, 2011, p. 257). Nesse trecho, Gadamer traz o texto de Ranke à baila para promover a análise de uma recepção historiográfica típica dessa concepção de investigação do passado

(e do mundo), cujos outros signatários são Wildelband, Rickert e, o mais proeminente e inspirador da sua e de outras gerações⁵, Dilthey. O que todos estes filósofos supracitados (com exceção de Gadamer) têm em comum é o fato de tentarem criar um método de análise das ciências humanas ou, mais especificamente, da “ciência histórica”.

Nesta investigação histórica, o escopo é neutralizar as influências nocivas que o pesquisador pode prestar ao objeto em questão. O método serviria para dirimir o impacto que a interferência pessoal poderia causar. Assim, o “cientista historiador” conseguiria “extrair” do passado informações depuradas de interpretações subjetivistas. O método estaria a serviço dessa proteção e funcionando como o *médium* da experiência histórica “perfeita”, como diria Ranke. Para que haja uma real e profunda experiência, é preciso que a individualidade seja anulada, a fim de que o passado possa ser visto. Nesta forma de recepcionar a história, o sujeito acaba por não ter uma participação, a não ser na medida em que forja o método é recompõe os “dados” aferidos.

Gadamer contemporiza ao dizer que é louvável buscar uma não interferência na análise do passado. Mesmo assim sua crítica segue quando ele afirma que a experiência proporcionada pelo método da “ciência histórica” é limitada em suas possibilidades, e disso resulta que a “tradição histórica” é conhecida somente em uma “configuração alienada”, ou seja: se a metodologia preconizada pelo objetivismo histórico tentava apreender a realidade da experiência do passado enquanto reduzia o elemento subjetivista, ela falha completamente, uma vez que é pouco abrangente, parcial e condicionada por fatores inerentes ao método investigativo (Gadamer, 2012, p. 258).

Para Gadamer, a tarefa do pesquisador da história (cientista da história) é contaminada pelas limitações do método científico. Dessa forma, se um pesquisador da história procura entender os elementos constitutivos da,

⁵ A guisa de exemplo de um “inspirado”, lembramos o sociólogo/filósofo social Anthony Giddens.

por exemplo, revolução francesa, sua reconstrução do momento histórico mencionado estará passível às deturpações que o método produzirá. O método de investigação histórico não poderá reproduzir com fidelidade todas as circunstâncias que levaram a revolução, pois não é possível acessar todos os dados, de modo que o elenco de motivos que explicam o fato histórico será *parcial*.

O método não poderá investigar toda a rede de causalidade que levou ao acontecimento em questão, pois correrá o risco de um *regressus ad infinitum*; assim o recorte necessário à pretensão de objetividade do método, que é seu domínio, acarreta um procedimento *pouco abrangente*. Outra crítica simplesmente aludida, porém não lateral, é a consideração que o filósofo faz a respeito do ideal de anulação do indivíduo, quando diz que "... os resultados da investigação realmente grandes e produtivos conservariam sempre algo da magia de um espelhamento imediato do presente no passado e do passado no presente" (Gadamer, 2002, p.258), o que pode ser entendido como a influência anacrônica que o olhar retrospectivo encerra.

Esse problema é evidenciado pelas circunstâncias atuais inextrincáveis nas quais o pesquisador da história se encontra. Para Gadamer, nenhum expediente formal seria capaz de dirimir esse problema e, assim, sempre pesquisador será impreciso, ao contrário da exatidão que é esperada em uma análise de cunho científico.

Neste ponto está articulada a supressão do indivíduo com sua posição na historicidade. O indivíduo que ocupa lugar na historicidade não pode ser abstraído dela, pois esta é sua situação inesquivável: é na temporalidade que ele vivencia suas experiências intramundanas. De modo que a metodologia historiográfica, uma vez que queira ser inflexível, sempre implicará uma distorção e subtrairá algo à experiência mais abrangente da hermenêutica⁶. (diluição do indivíduo) Se a tentativa hegeliana era reconciliar o "Eu" e o "Outro" por meio da dialética do reconhecimento, o método científico visa suprimir a perspectiva

⁶ Darei mais detalhes desse parágrafo na sessão que tratará do conceito de "história efeital".

individual na investigação historiográfica. Aqui, é possível observar a crença na utilidade do método para evitar as grosserias interpretativas da subjetividade. Mas não só isso: a crença de que o método científico das ciências naturais pode ser transportado, sem prejuízos, para perquirição e fundamentação das ciências sociais⁷, que incluem a “ciência histórica”.

3. ENTÃO, QUE HISTÓRIA?

A crítica gadamariana às duas acepções de historicismo, aventada em seus artigos, pode ser mal entendida. Gadamer não nega a influência da história na formação do homem. Porém, ele faz a defesa de um outro tipo de aporte da consciência histórica na vida do homem e diz que “[...] O pensamento histórico tem sua dignidade e seu valor de verdade no reconhecimento de que o ‘presente’ não existe, o que existe é um horizonte de futuro e passado em constante mudança” (Gadamer, 2011, p. 485). Ou seja, o conhecimento possível em um “presente” é historicamente datado, o que o faz ser rapidamente obsoleto, considerando-se a mudança no tempo histórico e as novidades que este traz consigo, como, por exemplo, os avanços científicos e tecnológicos.

Assim, algo que hoje, no “presente”, é verdadeiro, pode não o ser amanhã, e este amanhã será um outro “presente”, e assim *ad aeternum*. Portanto, a categoria “presente” fica diluída pela constante mudança. Este entendimento da história é um pensamento decorrente do primeiro Heidegger, que escreve que “... a historicidade é, ‘no fundo’, temporalidade” (Heidegger, 2007, p.498).

Historicismo e historicidade não são conceitos que se referem ao mesmo objeto. No historicismo, a tese principal (exaustivamente reiterada nesse trabalho) é que “todo conhecimento é histórico”; enquanto que historicidade quer significar a dimensão ontológica inalienável do homem no decurso do tempo. Sua afirmação é muito mais forte do que a contida no

⁷ Gadamer as chama pelo nome de “Ciências do Espírito”.

historicismo. Nela a “consciência histórica” como “consciência temporal” é significativamente mais abrangente. Não é afirmar que o conhecimento é histórico, mas sim que tudo o que existe é condicionado temporalmente, até mesmo o ser.

Na afirmação “todo o conhecimento é histórico” o sujeito afetado pela história é o conhecimento; Já na assertiva “tudo é condicionado temporalmente” o conhecimento é um dos itens que compõe o conjunto daquilo que é condicionado historicamente, assim como o ser também é um dos itens do conjunto. Isso ocorre uma vez que o ser só pode manifestar-se no tempo, e a aporia não é histórica simplesmente, antes ela é essencial à existência (mas aí surge o problema: como eu posso conhecer isso “objetivamente” ou “existencialmente”, se tudo é condicionado historicamente [ou temporalmente], inclusive esse juízo?). Uma difere da outra por seu enquadramento filosófico. O historicismo apresenta uma noção epistemológica (com vários corolários que podem ser dela decorrentes) enquanto que a historicidade é existencial e ontológica⁸, exposta conceitualmente pelo ser-no-mundo de Heidegger (Heidegger, 2007, p. 307).

Não obstante, a noção de “verdade” fica salvaguardada por uma razão: o único modo de o homem viver é no tempo; as coisas (*Dinge*⁹) são vivenciadas no tempo. É só nele que podemos “alcançar”, portanto, a verdade. Esta forma metafísica de apresentar a questão é tipicamente heideggeriana. Porém, Gadamer alija o jargão de *Ser e Tempo* tendo em vista traduzir esta linguagem para o âmbito de um conceito desontologizado: a história efetual.

Um princípio hermenêutico que viabiliza a compreensão é a interpretação da história efetual. Isso quer dizer que para que algo seja compreendido “hermeneuticamente” deve ser analisado historicamente.

⁸ Ontologia, em Heidegger e, de modo geral, em Gadamer, refere-se aos “diversos modos possíveis do ser” (HEIDEGGER, 2007, p.47). Pode ser dito também que é o estudo que tem como interesse a descoberta da constituição do ser da existência (J. F. MOURA, 2001, verbete)

⁹ A “Coisa” enquanto ente, e não Sache (coisa em questão, objeto).

Gadamer diz que “A consciência da história efetual é em primeiro lugar consciência da *situação* hermenêutica” (Gadamer, 2008, p. 399). Essa consciência específica, essa modalidade especial de consciência histórica não é refutada pelo filósofo. Mas por quê? Ele revela que isso tem a ver com o conceito de situação. Esse conceito se caracteriza pelo fato de não nos encontramos *diante de* algo, mas sim *em* algo.

Não estamos *diante da* história, qual um objeto de investigação científica; estamos *em* uma situação histórica, *na* história¹⁰. Por isso mesmo a tarefa hermenêutica de compreender, fundamentada na condição hermenêutica de *estar em*, pressupõe um momento histórico-efetual essencial. Essa forma de perceber o mundo torna eloqüente a história, mas não uma história qualquer. É oportuno lembrar uma pertinente reflexão de Gadamer:

O que cabe reivindicar aqui é a passagem de um pensamento histórico mal compreendido a um pensamento histórico melhor compreendido. Um pensar verdadeiramente histórico deve pensar também sua própria historicidade. Somente assim deixará de perseguir a quimera de um objeto histórico, que é o tema de uma investigação progressiva, mas para aprender a reconhecer no objeto o outro de si próprio e com isso tanto um quanto o outro. [...] Compreender é um processo histórico-efetual, e se poderia demonstrar que é na linguagem própria a toda compreensão que o acontecimento hermenêutico traça seu caminho. (Gadamer 2011, p. 81)

4. CONCLUSÃO

A consciência histórica que Gadamer reconhece como legítima incorpora elementos da sua crítica ao historicismo (nas duas acepções trabalhadas neste artigo). Na primeira acepção, ele concorda que a aporia da limitação

¹⁰ A distinção entre “diante de” (na frente de, defronte) e “em” pode ser esclarecida com um exemplo trivial: Se o indivíduo A está *no* carro ele está dentro deste e, portanto, não está *diante do* carro. Se estiver *diante do* carro não estará *no* carro. O problema de transformar a história em um objeto científico, mesmo com intenções puramente reconstrutiva é que sempre se está *na* história.

“lógica” da tese historicista é insuperável internamente. Decorre disso que o pensamento histórico hermenêutico reflete sobre sua própria condição no tempo, ou seja, sobre sua própria historicidade. Na segunda acepção, a (cons)ciência histórica é cerceada pela limitação de sua “objetividade histórica”, quando se considera improvável o ideal metodológico de “anulação do indivíduo”. Isso leva Gadamer a concluir que “... a autoconcepção do método histórico não revela toda a realidade da experiência histórica” (Gadamer, 2011, p. 258) que “[...] *Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se*” (Gadamer, 2008, p.399).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2ª ed. Trad. Edson Bini. Edipro, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *Verdade e Método II*. Trad. Enio Paulo Giachini. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HEGEL. *Fenomenologia do Espírito* (parte I). Trad. Paulo Meneses. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá de Cavalcante Schuback. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

PLATÃO. *Diálogos: O banquete, Fedon, O Sofista, O Político*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

_____. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.